

# OFICINA DE LINGUAGEM – CONSCIÊNCIA E ORALIDADE

Dra. Elisabeth Caldeira<sup>1</sup>  
Ana Paula Schipmann Rebelo<sup>2</sup>

A Fonoaudiologia Educacional reporta-nos diretamente à prevenção, atuando de forma que se evite o instalar de patologias. Ao atuarmos com o sujeito surdo com atividades preventivas, estaremos reduzindo desabilidades decorrentes da surdez e restabelecendo funcionalidade da linguagem, evitando possível desajuste psicossocial do indivíduo. (Andrade, 1996).

A Fonoaudiologia, no entanto, necessita criar novos paradigmas no trabalho com o surdo, descentrando-se da falta de audição desses sujeitos. A aquisição da linguagem deve ser priorizada, uma vez que é este o objeto de estudo, no trabalho da Fonoaudiologia. Ao atuar com dificuldades de comunicação, é preciso estar consciente das necessidades do sujeito com o qual interage. Danesi (2000, p. 08), reflete sobre os novos paradigmas para o trabalho do fonoaudiólogo com o surdo, afirmando que se este profissional continuar pensando em surdez como um problema exclusivo da Audiologia, não existirá mais um papel para desempenhar, tendo em vista a nova concepção que reconhece a comunidade surda, sua cultura, hábitos e valores próprios.

O Setor de Atendimento ao Portador de Surdez (SAPS), do Instituto de Fonoaudiologia da Universidade do Vale do Itajaí, trabalha atualmente com programas diversificados de atendimento ao surdo, contando com uma equipe de sete pedagogas, dois instrutores surdos, de Libras uma coordenadora pedagógica, uma fonoaudióloga, uma orientadora educacional e dois estagiários surdos. Este setor trabalha com o objetivo maior de minimizar as dificuldades encontradas pelos sujeitos surdos, visando a sua efetiva participação na sociedade, desenvolvendo sua linguagem nas formas mais abrangentes de utilização: oral, escrita e/ou gestual (língua de sinais).

Acreditando na importância da linguagem na constituição da consciência e do conhecimento humano para o desenvolvimento social, emocional, afetivo e intelectual do surdo, enquanto sujeito, iniciamos no segundo semestre de 1999 o Programa Oficina de Linguagem.

O programa Oficina de Linguagem foi desenvolvido da seguinte forma: cada estagiário atendia dois grupos, de duas a quatro crianças, por uma

<sup>1</sup>Doutora em Educação na Área: Desenvolvimento Humano e Educação PUC/RS, Assessora de Avaliação e Professora na Graduação e Pós-Graduação, em nível de Mestrado na UNIVALI/SC.

<sup>2</sup>Fonoaudióloga no Setor de Atendimento ao Portador de Surdez (SAPS/UNIVALI) e Mestranda em Educação na UNIVALI/SC.

hora. Nestes atendimentos, eram inseridos constantemente o treino auditivo, com objetivo de desenvolver resíduos auditivos; a leitura labial; e materiais lúdicos, com linguagem escrita e de sinais, por meio de interações que privilegiavam a aquisição e o desenvolvimento da linguagem.

É importante revelar que os estagiários do programa participaram do curso de Libras, oferecido no setor, para comunicarem-se efetivamente com as crianças. Embora o objetivo maior deste programa fosse o desenvolvimento da linguagem oral, buscamos respeitar a especificidade lingüística dos surdos. Concordamos com *Skliar*, (1997, p. 127) ao postular que, se aos surdos foi negado historicamente sua identidade e sua língua, seria um simples reducionismo acusá-los de ter limitações em seus processos psicológicos superiores.

As relações humanas assimétricas, inicialmente realizadas de forma unilateral, na concepção vygotskiana, são beneficiadas pela intervenção dos adultos que estruturam a atividade, apoiando e mantendo o propósito geral, objetivando o desenvolvimento das funções mentais superiores e a aplicação destas em outras atividades mais complexas. "Todas as funções mentais superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos" (*Vygostsky*, 1989, p. 64). O sistema de atividade da criança é determinado, especialmente, pelo grau de domínio que esta apresenta na utilização dos mediadores do conhecimento: os instrumentos e os signos. A atividade é entendida como trabalho organizado e desenvolvido coletivamente em um momento histórico e socialmente determinado.

A elaboração das funções psíquicas depende da apropriação do conteúdo objetivo disponível na cultura. O conhecimento do conteúdo objetivo e veiculado pelas gerações precedentes através dos signos e instrumentos não se prende às leis biológicas, mas às leis sociais e, por isso, históricas. O desenvolvimento tem lugar em uma matriz social. As interações adulto/criança constituem a fonte dos processos lingüísticos e cognitivos sendo que os processos cognitivos não existem fora das condições socioculturais nas quais operam.

Obtivemos resultados interessantes como: algumas crianças, já com idade de 10/12 anos, que não costumavam oralizar, o faziam nestes momentos, após adquirirem segurança e tranquilidade com o mediador. Outras crianças, entre dois e oito anos, cujas mães estavam inseridas no Programa Oficina de Materiais que funcionou concomitantemente a este, demonstravam significativo destaque nos grupos, interesse e desenvolvimento na linguagem, nas suas formas orais, de sinais e escrita. *Moll*, (1996) ao refletir sobre o conceito aplicado por *Vygostky*, de zona de desenvolvimento proximal, ressalta que "parceiros mais competentes", tanto quanto os adultos, podem levar ao desenvolvimento das crianças.

O trabalho realizado pelos estagiários, quase sempre envolvia a escrita com auxílio das pistas visuais sinestésicas padronizadas neste setor, pois acreditamos que desconsiderar o uso da escrita, ao trabalharmos com aquisição e desenvolvimento da linguagem, significa ocultar e dificultar o conheci-

mento que podemos alcançar com ela. *Olson*, (1998, p. 106), ao refletir sobre as Implicações Cognitivas da Leitura, afirma que: “a escrita afeta a consciência de linguagem que é fundamental para as implicações conceituais da escrita”.

Percebemos também que a carência de interação, entre professores e alunos, pais e filhos, dificulta na tomada de consciência desses sujeitos, no processo educacional e na dificuldade de reflexão crítica.

Sabendo que este tipo de trabalho envolve a tomada de consciência de todos os envolvidos, concluímos que necessitamos primordialmente afastar-nos de nossas próprias armadilhas, para que o sujeito surdo se afirme, reconhecendo o outro também como sujeito.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ANDRADE, C.R. **Fonoaudiologia Preventiva: Teoria e Vocabulário Técnico-Científico**. São Paulo: Editora Lovise, 1996.
- DANESI, M.C. **Novo Paradigma para o Trabalho Fonoaudiológico com o Surdo**, in *Jornal do Conselho Regional de Fonoaudiologia*. Edição nº 18 janeiro/fevereiro/março-2000. 3ª região PR-SC-RS.
- SKLIAR, C. **Educação e Exclusão: Abordagens Socio Antropológicas em Educação Especial** - Porto Alegre: Mediação, 1997.
- OLSON, D.R. **A Escrita e a Mente**, in *Estudos Socioculturais da Mente* – Porto Alegre; Art Méd, 1998.
- SPODEK, B. & SARACHO, O.N. **Ensinando Crianças de Três a Oito Anos**. Porto Alegre: ARTMED, 1998.
- MOLL, L. **Vygotsky e a Educação**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.